



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**O CENTRO DE ATIVIDADES COMUNITÁRIAS ESPERANÇA DO FUTURO
(CACEF) E A TRAJETÓRIA DE UMA JOVEM CARIOCA**

RAFAELA SIVEIRA CAVALCANTI

RIO DE JANEIRO

2014

**O CENTRO DE ATIVIDADES COMUNITÁRIAS ESPERANÇA DO FUTURO
(CACEF) E A TRAJETÓRIA DE UMA JOVEM CARIOCA**

RAFAELA SIVEIRA CAVALCANTI

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2014

O CENTRO DE ATIVIDADES COMUNITÁRIAS ESPERANÇA DO FUTURO
(CACEF) E A TRAJETÓRIA DE UMA JOVEM CARIOCA

RAFAELA SILVEIRA CAVALCANTI

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

Faculdade de Formação de Professores (FFP)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, especialmente ao meu filho Thalles Rafael, minha mãe Sara Jane, minha avó Teresinha pela compreensão, amor e carinho proporcionados nas horas difíceis, pois, sem o suporte familiar que recebi, não conseguiria obter o sucesso do término do meu percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, SER SUPERIOR, a quem devo minha vida e força celestial responsável por todos os percalços e todas as vitórias alcançadas no decorrer da minha trajetória.

Também quero agradecer aos professores e coordenação do Curso Pré-Vestibular Centro de Atividades Comunitárias Esperança do Futuro (CACEF), pela oportunidade de preparação para acesso ao curso de graduação.

Aos meus irmãos que não estão aqui presente de corpo, mais sim em alma, me apoiando em todos os momentos. Minha fonte de inspiração, ao discorrer sobre um tema tão presente em todo o momento de nossas vidas.

Aos amigos que me apoiaram nessa caminhada, com gestos e palavras de incentivo, nos momentos de dificuldades sem citar nomes, pois, todos são especiais.

Ao corpo docente da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pela oportunidade na construção de conhecimentos, responsáveis pela minha formação profissional.

A Professora Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva, pelo apoio durante a trajetória do meu curso de licenciatura em Pedagogia e por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

Especialmente ao meu orientador, o Professor Márcio da Costa Berbat, pela paciência, dedicação e profissionalismo empenhado para a realização deste trabalho.

PÁGINA DE JORNAL
(Cidade Negra)

Eu não vou estar
Nas páginas de um jornal
Não, não, não, eu não
Fazendo alguma coisa
Que Alguns querem que eu faça

Vou sobreviver a uma média nacional
Que diz que todo humilde
Tem tendência marginal
Tem tendência marginal

Vou mostrar aos filhos dos meus filhos
Para que eles mostrem que é possível
Que a vitória é do justo
Sempre foi e sempre será
Sempre foi e sempre será

Correndo sempre à frente da verdade
Que tá dentro de você
Até chegar as rosas passei pelos espinhos
Consciente de tantas pedras no caminho

Você é capaz de ser um pop star
Ocupando uma página de jornal
Você é a constelação que poderá brilhar
Na obscura consciência

RAFAELA SILVEIRA CAVALCANTI. **O CENTRO DE ATIVIDADES COMUNITÁRIAS ESPERANÇA DO FUTURO (CACEF) E A TRAJETÓRIA DE UMA JOVEM CARIOCA.** Brasil, 2014, 59 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a trajetória de uma estudante carioca e a importância dos Pré-Vestibulares Comunitários, a partir da experiência no Centro de Atividades Comunitárias Esperança do Futuro (CACEF), de maneira a explicitar os dilemas e desafios enfrentados pelos sujeitos das classes populares para a realização de suas lutas, sonhos e direitos (defesa de um ensino gratuito, de qualidade, na construção da cidadania) e ainda discutir a educação como direito e política pública de interesse social nos tempos atuais. A partir de narrativas de vida, vivências no São Carlos, buscamos dialogar com o processo de subversão de jovens cariocas em busca de educação formal, de nível superior, em direção à formação como sujeito de direitos e de plena cidadania. A investigação através da memória e relato histórico proporciona uma discussão sobre a educação popular no Rio de Janeiro, na oferta até a entrada de alunos na universidade, seja pública ou privada, em organizações estritamente públicas ou em organizações não governamentais, potencializando a comunidade no entendimento e na cobrança por instituições de ensino que possam incluir efetivamente todos no sistema educacional do país.

Palavras-chave: educação popular; pré-vestibular comunitário; memória.

INDICE DE SIGLAS

- ASUERJ**- Associação dos Servidores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- CACEF** – Centro de Atividades Comunitário Esperança do Amanhã
- CELINS** – Centro Educacional Lins de Vasconcelos
- CMM** – Conteúdos Metodológicos de Matemática
- CMCES** – Conteúdos Metodológicos de Ciências e Estudos Sociais
- CMAF** – Conteúdos Metodológicos de Artes Plásticas
- CMEF** – Conteúdos Metodológicos em Educação Física
- CMPL** – Conteúdos Metodológicos de Língua Portuguesa
- EJA** – Educação de Jovens e Adultos
- ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio
- FAETEC** – Fundação de Apoio a Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro
- IERJ** – Instituto de Educação do Rio de Janeiro
- ISERJ** – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro
- LDB** – Leis de Diretrizes e bases da Educação Nacional
- MOVA** – Movimento de Alfabetização
- PROUNI** – Programa Universidade para Todos
- PVNC** – Pré-Vestibulares para Negros e Carentes
- SESI** – Serviço Social da Indústria
- SMERJ** - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
- SINTUFRJ** – Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UFF** – Universidade Federal Fluminense
- UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
- UVA**- Universidade Veiga de Almeida

INDICE DE FOTOS

Foto 01 – Professor de Química, Conceição, Marcia, Silvana e a D. Elza, responsável pelo imóvel, 2007 _____	35
Foto 02 – Professoras Márcia, Silvana e Ana Paula (Coordenadora), 2007 _____	35
Foto 03 – Dídimo, graduando em Biblioteconomia na UNIRIO e Professor Mauricio _____	36
Foto 04 – Espaço onde as aulas eram dadas e grupo de alunos _____	37
Foto 05 – Mural do CACEF _____	45
Foto 06 – Meu primeiro dia como aluna de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Um sonho começando a tornar-se uma realidade _____	56
Foto 07 – Dia de trote... _____	57
Foto 08 – Izabele, Tiago e Rafaela, ex-alunos frequentadores do Pré-Vestibular CACEF. Nossa realização, aprovados para uma Universidade Pública. Quem disse que não éramos capazes? _____	57
Foto 09 – Dia do trote, TURMA DE PEDAGOGIA 2009.2 _____	58
Foto 10 – TURMA DE PEDAGOGIA UNIRIO 2014.1 _____	58

Sumário

Resumo	07
Introdução	11
Capítulo 1: Pensar a Profissão – Narrar a Vida	
1.1: Memórias por uma Jovem Carioca	15
Capítulo 2: Favela, Escola e os Movimentos Sociais	
2.1: O Movimento pelo Acesso a Educação: Pré-Vestibulares Populares	24
2.2: A Origem e Participação dos Pré-Vestibulares Comunitários	29
Capítulo 3: O Centro de Atividades Comunitárias Esperança do Futuro (CACEF)	
3.1: Breve Histórico do CACEF	32
3.2: Professores e Alunos	39
3.3: O Legado	46
Considerações Finais	48
Referências Bibliográficas	50
Anexo A	52
Anexo B	53
Anexo C	57

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

(Paulo Freire)

Introdução

O tema deste trabalho tem haver com a minha trajetória de vida, mas também, com uma realidade que não é somente minha, mas de muitos indivíduos que lutam para permanecer na universidade, após conseguir acesso à mesma. Isto me impulsionou a discutir a trajetória destes sujeitos de classes populares por meio dos cursos comunitários até o ingresso à Universidade. Destacamos a importância social sobre a escolha do tema, que para Zago (2006, p. 230) a desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior é construída de forma contínua e durante toda a história escolar dos candidatos.

Na condição de aluna de pedagogia, optei por abordar sobre o Pré-Vestibular Comunitário e sua contribuição social na formação dos alunos. Os sujeitos das classes populares, que desde sua formação básica enfrentam processos de discriminação, dificultando posteriormente, seu acesso à universidade pública. Desta forma, perpetuando o conceito de 'universidade de elites', ou seja, destinada historicamente para a elite, com acesso as melhores escolas e de oportunidades de estudo no tempo e espaço adequado a construção de conhecimento.

É importante, adicionalmente, ressaltar que decidi preservar os traços de origem na escrita como estudante em sala de aula, no próprio estilo de redação, em vez de utilizar o plural ou as formas puramente impessoais, tão comuns em trabalhos da universidade, oscilando naturalmente entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural no decorrer de todo o texto, deixando a perspectiva sociolinguística permear o processo de criação do texto.

A pesquisa iniciou-se no mês de agosto de 2013. Neste período foi realizado levantamento de diversas obras selecionadas entre teses, livros, artigos e monografias

desenvolvidas no âmbito dos Pré-Vestibulares Comunitários, quais eram os Movimentos Sociais que auxiliaram no surgimento destes Cursos e qual a importância destes Cursos enquanto instituição de ensino. Também é necessário destacar a aproximação entre o corpo docente e discente que atuaram neste contexto, propiciando maior visibilidade no trabalho realizado pelos sujeitos que compõem os Pré-Comunitários, como também as contribuições dos Pré-Vestibulares para a sociedade.

A partir dos dados coletados e constatações realizadas nesta pesquisa, foi possível ampliar o tema para um estudo comparativo sobre a historicidade dos Pré-Vestibulares Comunitários, analisando como se dá a integração das camadas populares no contexto universitário, especificamente se este aluno ao ingressar na universidade conseguiria manter-se e concluir o curso que pretendeu cursar, nas mesmas condições que qualquer aluno da universidade. Destaco a história do Pré-Vestibular Comunitário CACEF, em capítulo específico criado no ano de 2005 com intuito de direcionar os estudantes que terminavam o antigo 2º grau (atualmente chamado de Ensino Médio) de baixa renda a possibilidade de ingressar em Universidades Públicas.

O Centro de Atividades Comunitárias Esperança do Futuro (CACEF) tinha no início, três professores, mais ao passar do tempo sua equipe se fortaleceu crescendo para quatro professores, um professor/coordenador, alguns desses profissionais recém-formados e outros ainda na graduação tinham como propósito ajudar esses estudantes a ingressarem em uma graduação e obter não apenas um diploma, mas se enxergar como indivíduo modificador do meio em que vive. O Pré-Vestibular era um espaço construído para que estes indivíduos pudessem encontrar uma alternativa para dar continuidade aos estudos.

Em seguida, foram realizadas algumas entrevistas com ex-alunos da seguinte maneira: perguntas no formato de entrevista estruturada como instrumento de pesquisa (Anexo A). Neste processo de pesquisa buscaram-se ter acesso as seguintes informações: quando o estudante conheceu o CACEF? Quanto tempo ficou na instituição? Conseguiu ser aprovado, caso foi, qual universidade, curso e se trabalhava? Qual a contribuição do CACEF para a entrada do aluno na universidade? Lembrança marcante dos tempos em que frequentou o CACEF? As entrevistas aparecem de forma integrada ao texto, principalmente, no terceiro capítulo, para exemplificar a relação do CACEF na formação de alguns colegas.

Dentro desta temática, proponho-me a analisar, relatar e problematizar a questão das ações vivenciadas por cada sujeito vivido durante o Pré-Vestibular para muito além dos muros das favelas. Com isso, as ações assumem significados em função das compreensões que cada um destes sujeitos tem a partir dos seus afazeres e das suas experiências, analisando não somente o ingresso do aluno negro mais também o aluno pobre oriundo das favelas e sua permanência nas Universidades.

[...] Para quem não sabe um chaveiro não detém as chaves que abrem as portas dos outros. As chaves que ficam expostas no quadro de chaves das lojas de chaveiros não abrem porta alguma. São chaves “virgens” ou “brutas”. Prontas para serem confeccionadas. Faltam a elas os segredos¹, que estão nas chaves dos outros. Esse processo é extremamente interativo. E nessa interatividade aprendi que sempre precisaria me aproximar dos outros para que, em diálogo e em interação, aprendesse os segredos de suas chaves. E, com, isso, confeccionar novas chaves que possibilitassem abrir novas portas (SILVA, 2012, p. 46).

Cabe lembrar que, ao escolher o tema desta pesquisa, o objetivo é mostrar a trajetória destes sujeitos quanto moradores da favela a conquistar uma vaga numa Universidade. Apresentar ao leitor o quanto o Pré-Vestibular Comunitário tem um papel importante não somente nas aprovações, mas também na formação destes sujeitos quanto transformador social, tornando indivíduos críticos-reflexivos apresentando o resultado desta mudança na rotina destes moradores do São Carlos, que são na maioria nascidos e socializados neste lugar.

A investigação de caráter histórico e crítico integram as narrativas de memória ao processo de construção e justificativa do trabalho, tendo como base alguns autores que pesquisam os temas: educação popular, pré-vestibulares comunitários, entre outros. Assim, este texto foi dividido em três capítulos: o primeiro capítulo faz um diálogo com a minha narrativa de vida e formação; o segundo capítulo aborda o movimento de existência dos Pré-Vestibulares Comunitários e o terceiro capítulo com a história do Centro de Atividades Comunitárias Esperança do Futuro (CACEF) e os sujeitos envolvidos no seu próprio tempo e espaço de existência no São Carlos. Esperamos que o resgate histórico desenvolvido na/da pesquisa tenha a potência

1 Os segredos são os “dentes” que elas têm. São as cavidades, que podem ser de vários formatos. Algumas mais largas, outras fundas ou estreitas. São essas cavidades que, dentro de uma combinatória de diferenças, formam os segredos das chaves e possibilitam que a chave de um não abra a porta de outros (Rodrigo Torquato, 2012).

necessária de motivar novas ações na educação popular no Rio de Janeiro e fomentar a discussão sobre a importância da formação de professores para a educação básica no Brasil. Boa leitura!

Capítulo 1: Pensar a Profissão – Narrar a Vida

“Não há nada impossível, porque os sonhos de ontem são as esperanças de hoje e podem converter-se em realidade amanhã.”

(Autor desconhecido)

1.1: Memórias por uma Jovem Carioca

A partir da referência teórica de Elizeu de Souza no que diz respeito à noção de território como confluência de múltiplos espaços narrativos, que se vinculam às relações sociais, políticas, materiais e simbólicas, vividas pelos sujeitos em suas trajetórias de vida-formação (SOUZA, 2011, p. 213), o texto a seguir ganhará forma de lembranças e experiências formativas para no geral contribuir na investigação do se fazer sujeito de direitos, na confluência do sonho ao sentido do real e possível para a educação superior na cidade do Rio de Janeiro.

A narrativa do texto inicia-se a partir do ano de 1997 numa nova fase na minha vida, permanecendo na mesma escola desde o antigo jardim da infância (atual educação infantil), no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ), hoje, Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). A escolha de continuar nesta instituição de ensino foi da minha mãe que sempre sonhou em estudar no Instituto de Educação, ela tinha o sonho de ser professora, mais infelizmente por várias questões não pode realizá-lo.

Também havia questões que envolviam o profissional, pois, as escolas que ofereciam o antigo 2º grau (hoje ensino médio) até tinham o ensino profissionalizante (Turismo, Administração), porém minha mãe acreditava que a profissão de professora seria a melhor opção já que ao terminar os estudos eu sairia da instituição com uma formação, sendo no caso professora de 1ª a 4ª série do primário (hoje 1º ao 5º ano do ensino fundamental).

No início fui contra a meu gosto, pois, eu queria ter ido para o colégio Prado Junior que ficava ao lado do Instituto de Educação, pois meus amigos com a autorização de seus responsáveis puderam ser transferidos e estudar nesta instituição. Porém ao decorrer do tempo percebi que minha mãe tinha razão.

A instituição para onde meus amigos foram transferidos oferecia além do 2º grau regular o 2º grau profissionalizante como Técnico em Turismo e Administração, mais nada que me atraísse, ou seja, eu iria estudar só pela convivência de estar próximo aos meus amigos que estudaram comigo desde o primário.

Bem, sozinha, comecei a me socializar com os novos colegas de classe. Ao realizar conversas diárias percebi que quase todas as meninas com exceção de quatro meninos estavam ali por sonhos de seus responsáveis (principalmente mãe), ou porque tinham como propósito ser professor. Até mesmo os meninos estavam naquela instituição para ser professor, um pretendia ser professor de matemática e os outros três almejavam seguir a carreira de professor de educação física (naquele ano a profissão de educação física era prioritariamente destinada a escolas e não a academias).

Este primeiro ano foi bastante produtivo em minha vida, porém não era a carreira que eu gostaria de seguir, mas como eu não tinha como opinar já que a minha mãe escolheu por mim a única estratégia que me restou seria a de me dedicar para que pelo menos conseguisse desenvolver bem o que escolheram para eu praticar.

As disciplinas eram as mesmas com exceção de química, física e biologia, que no ano anterior, a antiga oitava série era chamada de ciências. Só fomos ter aulas de física no terceiro bimestre quando a professora concursada e contratada pode exercer a função. Fico impressionada, pois obtive nota 10 nos quatro bimestres sem ao menos ter realizado uma avaliação como de costume.

Na verdade, o Instituto estava passando por mudanças, o Estado transferiu suas responsabilidades para a Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC). Naquele ano eu não sabia bem o que era FAETEC e muito menos o propósito da instituição, só sei que as greves deram uma pausa e a falta de professores foi suprida. Professores estes que nem sempre foram os que aguardávamos, (dedicados, preocupados, atenciosos), porém, não ficamos sem aulas.

Sempre fui uma aluna disciplinada e comprometida, até porque ao contrário de minha mãe que não teve a oportunidade de terminar os estudos eu tive a felicidade de tê-la como mãe-responsável e de estudar numa escola, o que proporcionava aos seus alunos estudo até sua conclusão, formando cidadãos preparados para servir a

sociedade, já que era uma escola técnica em formação de professores o (Instituto de Educação do Rio de Janeiro). Lembro como se fosse hoje, os professores, alguns nem devem estar mais presentes, mais não esqueço a dedicação que tinham com seus alunos.

Ao chegar ao segundo ano do 2º grau, entendendo um pouco melhor, comecei de fato vivenciar o que seria ser professor numa sala de aula. Mesmo com poucas aulas de didática e estágio duas vezes na semana na própria instituição sendo que na parte do primário eu já estava começando a me identificar com questões que envolviam o ser professor.

Nas aulas de CMAP (Conteúdos Metodológicos de Artes Plásticas), CMM (Conteúdos Metodológicos de Matemática), CMCES (Conteúdos Metodológicos de Ciências e Estudos Sociais), CMPL (Conteúdos Metodológicos de Língua Portuguesa), CMEF (Conteúdos Metodológicos em Educação Física) pude gerar uma autoconfiança em querer ser professora, daquelas do filme, na época nós NORMALISTAS idolatrávamos o filme “Ao mestre com carinho”, onde o professor ensinava com amor, porque ele tinha o que chamamos de amor ao que faz, e isso começou a aflorar em mim. Nestas ocasiões, participando de aulas metodológicas, estágios, envolvidas principalmente com as crianças, planos e planejamentos que me fez despertar para ensiná-las com amor, comprometimento e dedicação.

E assim, passaram-se os dias e a cada dia eu me via envolvida, até que resolvi que seria professora de Língua Portuguesa, pois eu era apaixonada pela forma de como os professores desta disciplina ensinava, entre uma delas eu destaco a Professora Cinira. Ela era uma senhora bastante alegre, nos fazia gostar de Literatura e Português. Professora durante anos foi nossa Paraninfa e a pessoa que me fez despertar para ser educadora. Sua forma de dar aula nos envolvia de uma maneira que as aulas nunca eram intolerantes, mais sim prazerosas.

Suas atividades eram lúdicas, às vezes fazíamos telejornais, éramos repórteres, entrevistávamos professores, alunos destaque do mês, coordenadores, diretores, inspetores, mães representantes, enfim personalidades da nossa escola. Escrevíamos cartas onde os endereçados eram pessoas importantes, a minha foi para Deus. Eu pedia para que Ele nos protegesse, e que eu pudesse seguir uma profissão digna, correta e

que principalmente fosse o que eu gostava de fazer. Devido a estas atividades pensei até em seguir a profissão de repórter, Comunicação Social, mas por fim continuei priorizando a educação, talvez por me julgar incapaz de passar. É muito difícil um estudante de Escola Pública ingressar na universidade. Eu acreditava não ser capacitada para entrar numa Universidade Pública.

Passaram-se três anos, e eu seguia para o último ano naquela escola. Este ano foi muito produtivo, praticamos muitas atividades que envolviam questões pedagógicas. Além das aulas metodológicas, os estágios obrigatórios serviam para adquirirmos dicas dos professores e colocá-las em prática dentro da sala de aula, sempre auxiliadas pela professora regente da turma que preocupadas com a nova geração mostravam as alternativas para trabalharmos melhor com os alunos, assim descobrindo um mundo e estigando à vontade de aprender tanto de nós “quase professores” quanto os alunos.

Nossas aulas quase sempre eram fora de âmbito de sala, pois como a escola possuía inúmeras dependências, como bosque, pista de corrida, ginásio com aparelhos de ginástica, a arquibancada da piscina, nossos laboratórios, e o nosso famoso chafariz. Destaco também o estágio remunerado, sim eu estagiei numa escola no LINS de Vasconcelos chamada CELINS (Centro Educacional Lins de Vasconcelos), as responsáveis pela escola, mãe e filha me pagavam com vale transporte, eu recebia três folhas e vendia, recebendo R\$ 100,00. Infelizmente não continuei na escola, assim que me formei sai, mas nela fui muito feliz e adquiri muitas experiências. A cada dia minha vontade de exercer a função de educadora aumentava.

Enfim, chegou o momento de ir embora, chega a hora da formatura. Tudo muito bonito, eu e muitos estudantes estávamos nos formando finalmente em professor do antigo primário, ainda era um pouco complicado entender, mais com a nova LDB 1996 (Leis de Diretrizes e bases da Educação Nacional) onde junto trouxe diversas mudanças, como a composição dos níveis escolares onde a educação escolar era composta de educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio, trocando todas as nomenclaturas distintas que aprendemos durante os três anos consecutivos de estudo, enfim, enquanto nos formávamos novidades surgiam.

Nossa turma foi à penúltima do curso normal médio, a última turma foi a do ano de 2000, e o tão concorrido curso normal da tão antiga e famosa Escola Normalista Instituto de Educação tornara-se a partir daquele ano de 2000, Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). Nós alunos já sabíamos que aconteceria essa mudança, em nossas escritas o cabeçalho já era intitulado desta forma, e o Instituto de Educação já não era mais comandado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, passando para a FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro), no âmbito da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro.

Para continuar professora a lei nos dizia que o curso normal seria válido até o ano de 2006, até esse ano eu poderia realizar concursos. Como eu e muitos queríamos de fato exercer a profissão, no mesmo ano em que nos formamos, prestei vestibular para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), queria ser professora de Língua Portuguesa. Cheguei a seguir para a segunda etapa das provas, que naquele ano a forma de prestar vestibular era diferente dos anos vindouros.

A segunda etapa seria as matérias específicas que no caso era língua portuguesa, língua estrangeira, história, geografia além da redação. Enfim consegui, porém não cheguei a fazer minha matrícula, pois o curso exigia total dedicação e como eu precisava trabalhar para ajudar minha família escolhi desistir não de um sonho mais de uma etapa naquele momento.

Depois de formada, com 19 anos, deixei de lado a profissão que tanto lutei para exercer e comecei a trabalhar como promotora de vendas em supermercados e lojas de conveniência. A vontade que eu tinha de ser professora não tinha terminado e sim adormecido. Além de trabalhar para ajudar o meu lar eu tinha o desejo, a vontade de pagar uma faculdade na área de educação e assim lecionar, pois foi para isso que eu tinha estudado. Mas o meu salário não daria para “bancar” meus estudos, pois eu não somente pagaria o curso, mais também os livros, a passagem e a minha alimentação e mais uma vez guardei a minha vontade.

Mas a vida é cheia de atalhos desafiadores que, para alguns provocaria mudanças radicais de percurso, ou mesmo desistência. Eu vi como uma forma de conquista, oportunidade.

Aos 20 anos engravidei, sim, não estava nos meus planos, mas aceitei numa boa, até porque era de um relacionamento que eu apostei muitos sonhos. Antes do nascimento do meu filho, realizei concursos para lecionar no município e até disputei vaga para estudar no curso de licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação, infelizmente não foi dessa vez, não era para ser. Meu filho nasceu e tive que optar por outros sonhos, sozinha, pois eu não vivia mais ao lado do pai do meu filho. Nesse momento eu abdiquei do sonho de lecionar. Agora o sonho de ser mãe tornou-se realidade e essa realidade estava diante dos meus olhos e dependia de mim exclusivamente.

Utilizei técnicas que aprendi no curso normal. Confeccionei mobile bem colorido, pois sabia que o bebê ao nascer precisa exercitar a visão, pois eles não enxergam coloridos e essa habilidade os bebês adquirem durante o seu desenvolvimento. Trabalhava muito a coordenação motora, auditiva, e a visão, enfim pelo menos pratiquei um pouco do que aprendi no curso normal com a pessoa mais importante da minha vida, meu filho.

Quando meu filho estava com três meses de vida, precisei trabalhar como extra natal, trabalho suado, lembro que minha mãe levava meu filho para eu amamentar e sempre ao ir embora ele se despedia com uma gofada. E assim foi, sem ajuda da figura paterna, trabalhava para ajudar em casa e alimentar e vestir meu filho, e mais uma vez, guardei no meu EU a vontade de exercer a profissão que um dia eu aceitei porque minha mãe insistiu e que ao decorrer do curso despertou a vontade de exercer essa profissão linda e desafiadora que é a arte de educar e que por problemas do dia a dia precisei interromper.

Aos 24 anos, aceitei trabalhar numa empresa multinacional. Eu vi naquela oportunidade o progresso na minha vida pessoal e profissional. Percebi que naquela empresa eu trabalharia, mas também cresceria profissionalmente. Para isso precisaria me empenhar, pois eu fui admitida num período muito importante para aquela empresa, a PÁSCOA. Para muitos a páscoa é sempre depois da quarentena, mais para as empresas que fabricam o chocolate a arrumação para a páscoa nos pontos de vendas começa logo depois que termina o carnaval, mais preciso na quarta-feira de cinzas. Desde então, a minha dedicação além do meu filho era para o meu trabalho que me

permitia realizar muitos dos meus sonhos, e também proporcionar a minha família uma vida menos doída.

Continuei trabalhando nesta mesma empresa conceituada no mercado, e aos poucos fui percebendo que poderia ir mais além do cargo que fui contratada para exercer. Individualmente comecei a destacar meu trabalho em pontos de vendas e a ser destaque naquela empresa que me deu a oportunidade de ali trabalhar.

Nunca abandonei a vontade de lecionar, e vi que havia possibilidades de realizar este sonho. E como dizem os mais velhos, tudo que é para ser será, tudo tem o seu tempo. E assim foi. Numa bela noite uma conhecida me ligou e me perguntou se eu tinha interesse de frequentar um curso preparatório comunitário. Pensei na possibilidade em questão se eu teria tempo para frequentar e me envolver com os estudos, já que precisava de tempo e dedicação. Na outra semana fui até o curso comunitário para ver como era.

Ao chegar neste local, notei que havia muitos jovens da comunidade, que assim como eu tinham um sonho, que por diversos problemas não tinham como dar continuidade nos estudos ou iniciá-los.

Naquele momento, aos 27 anos, vi uma oportunidade surgindo, mesmo sabendo que seria grande a batalha, agora com um filho, trabalho que solicitava o meu esforço e o famoso cansaço. Senti nos primeiros dias, o cansaço sempre presente, e a vontade de desistir sempre ao meu lado. A cada passo ou obstáculo, um acumular de forças, a ampliação da minha capacidade de negociar com a vida e com as circunstâncias que me cercavam.

Após realizar minha matrícula no curso comunitário, onde fui muito bem recepcionada, a dedicação começou a brotar, vi nessa oportunidade a possibilidade de fazer o vestibular e entrar numa universidade de preferência pública. O curso se encontrava num sobrado na Rua São Carlos (Complexo São Carlos), de fácil acesso, pois ficava próxima a rua que dá acesso à rua principal Estácio de Sá próximo ao Hospital da Polícia Militar-RJ. Já sua sede ficava dentro da favela, na Rua São José Operário (Zinco) onde era a creche. O curso era financiado pela Fundação Bridderlech Dellen – BD - Luxemburgo.

Este grupo de Luxemburgo, além de financiar o curso pré-vestibular comunitário, também financia uma creche, e um centro de estudos onde auxilia crianças com dificuldades de aprendizagem e com aulas de reforço, além de acompanhamento psicológico. A responsável pelo CACEF (Centro de Atividades Comunitário Esperança do Amanhã) chama-se Conceição e o representante da Fundação no Brasil chama-se Patrick.

Assim foi feito, no primeiro ano em que iniciei meus estudos, foi praticamente recordar, eu já não lembrava muitos conteúdos, desde 1999, que lamentavelmente abdiquei dessa prioridade para realizar outras mais importantes. No Pré-Vestibular Comunitário tínhamos professores que assim como nós vieram de situações desprivilegiadas e que com muito esforço se formaram e como forma de contribuição faziam parte da equipe de professores que acreditavam no nosso potencial. O cansaço sempre fazia parte do nosso cotidiano, mas sempre resistíamos, pois a influência que os professores tinham sobre nós, foi favorável para que não desistíssemos.

Como em todos os cursos, o início é sempre lotado e quando chega ao meio do ano só resistiam mesmo àqueles que almejavam conquistar seu ideal, naquele momento uma vaga numa universidade pública num curso escolhido, no meu caso seria LETRAS.

Sempre auxiliada pelos professores, destaco a dedicação da professora de história Ana Paula Barcelos, formada na Universidade Federal Fluminense (UFF) e aluna do mestrado na mesma Universidade. Ela era um incentivo principalmente para mim, que a admirava por ser tão jovem e possuir um currículo tão extenso. Durante o período do Pré-Vestibular muitos abandonaram o curso, eu até pensei em desistir, mas pelo fato de ter amigos que continuaram no curso resolvi prosseguir, talvez por este motivo não abandonasse o curso.

Eu sempre chegava atrasada por conta do trabalho, às vezes eu nem passava em casa eu já partia direto para o curso. As aulas ocorriam das 18 horas até às 22 horas. Quase sempre eu era uma das alunas que mesmo chegando atrasada era uma das primeiras a chegar, e nestes atrasos enquanto aguardávamos os demais alunos, eu e Ana Paula ficávamos conversando, e foi numa dessas conversas que ela propôs que ao invés de prestar vestibular para LETRAS eu poderia pensar na possibilidade de prestar

vestibular para Pedagogia. E foi então que percebi o quanto o pré-vestibular tinha uma grande importância e influência na minha vida profissional e pessoal, pois ali eu conquistei diversos amigos e uma nova possibilidade de curso, a Pedagogia.

As aulas sempre eram bastante interessantes e todos os professores eram comprometidos, as atividades aplicadas na maioria das vezes envolviam a atualidade e nos faziam compreender os “porquês” que cercavam nossas dúvidas. As aulas de Língua Portuguesa com a Professora Márcia e suas explicações sobre o desenvolvimento das redações; as aulas de Geografia com o Professor Gean que era graduando da UFF, e isso me fazia querer ir mais além ao ver aquele professor tão jovem lecionando. Até mesmo as aulas de matemática com o Professor Maurício também graduando em Engenharia na UFRJ; física com o Professor Gabriel graduando na área de Medicina na UNIRIO, como também a química, disciplinas que para mim era de difícil compreensão, tornavam-se agradáveis.

Em fim, tenho muito a agradecer por ter feito parte da história do CACEF, um Pré-Vestibular Comunitário que acreditou no potencial daqueles estudantes descreditados socialmente e culturalmente, e que por meio deste estou aqui para contar um pouco sobre a minha trajetória, de um sujeito que não tinha credibilidade num futuro acadêmico, e que hoje faço a minha história.

2: Favela, Escola e os Movimentos Sociais

2.1: O Movimento pelo Acesso a Educação: Pré-Vestibulares Populares

As primeiras experiências dos núcleos de Pré-Vestibulares Populares surgem no Brasil na segunda metade dos anos 80, e torna-se sólido na década de 90 do século XX e têm como principal objetivo a democratização do ensino.

Estes cursos surgem para suprir a necessidade que a população das classes populares sofre com a ausência de uma educação básica de qualidade, tornando desigual seu acesso ao ensino superior. Fazem parte de grupos sociais tradicionalmente excluídos do ensino superior (negros, moradores de favelas, e alunos de escolas públicas) onde a problemática teve início com os movimentos sociais que reivindicam seu acesso a uma Universidade Pública.

Não existem dados precisos sobre os Pré-Vestibulares atualmente, mas existem estimativas, conforme dados da existência de 800 núcleos em todo o país, com maior participação na região sudeste. No Rio de Janeiro, a construção de um pré-vestibular comunitário deu-se em 1976 organizado pelo Centro de Estudos Brasil África. Entretanto, consideramos as experiências que foram referências para a popularização da proposta de curso Pré-Vestibular Popular na década de 1990 (SANTOS, 2007).

Apesar das diferenças nas formas de organização e funcionamento, podemos analisar e identificar algumas características que definem as propostas políticas e as condições de existência destes cursos, entre elas o atendimento aos setores ou grupos de excluídos socialmente do acesso ao ensino público e o distanciamento de escolas públicas.

Na maior parte os cursos são gratuitos, mas também temos os cursos que cobram uma taxa simbólica que varia entre 5% a 10% do salário mínimo para as despesas básicas que envolvem desde a manutenção das suas estruturas, transporte para professores e outros colaboradores. O currículo do curso é composto pelas disciplinas e conteúdos exigidos no vestibular (matemática, física, química, biologia, história, geografia, literatura, redação, língua portuguesa, língua estrangeira). Suas propostas pedagógicas não têm como único objetivo a preparação para o vestibular, na maioria dos cursos há um vínculo curricular denominado “cultura e cidadania”.

O exemplo da disciplina cultura e cidadania são bastante elucidativos para compreender como estes pactos ideológicos, apesar de frouxos, se sustentam e garantem um mínimo de coesão necessária à estruturação do movimento- e ainda permitem a difusão e fortalecimento da consciência antirracista (SANTOS, 2007, p.233).

Esta nomeação da disciplina obrigatória que privilegia um trabalho educativo voltado para o exercício da cidadania desenvolvendo atividades de fortalecimento de autoestima, de construção de identidade e de formação política e este compreende a formação de uma consciência crítica frente aos problemas políticos, sociais, e raciais no Brasil.

Nos cursos Pré-Vestibulares há também uma preocupação no corpo docente e administrativo no apoio ao um trabalho de caráter voluntário. Poucos são os cursos que possuem sede própria, muitos funcionam em locais diversificados, como escolas, universidades, instituições religiosas, associações comunitárias, entre outros. O número de vagas oferecidas é variável segundo cada experiência.

As informações destacadas sobre o assunto indicam que as experiências contidas no Brasil contam com iniciativas e participação de diferentes grupos, mas destaca principalmente a Igreja Católica, o Movimento Negro em suas diferentes vertentes.

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) é um movimento em constante construção. Na sua trajetória existem avanços e retrocessos, há momentos de grande articulação e momentos de desarticulação.

Há também a questão do projeto político, que poucos discutem, para alguns dos membros é visto como projeto (igreja católica, movimento negro, associações, etc), para outros o PVNC é um movimento social sem um projeto global, e ainda há aqueles que pensam que o PVNC é apenas um Pré-Vestibular, sendo este fundamental somente na preparação do estudante para o Vestibular. De fato através da preparação para o Vestibular os cursos, reúne um número expressivos de cidadãos na luta da democratização do acesso ao ensino superior e contra o racismo e a discriminação.

2.1: O Movimento Popular pelo Acesso a Educação

O Movimento de Cursos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes (PVNC) surgiu na Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro, por iniciativa de um grupo de educadores insatisfeitos com os obstáculos de acesso ao ensino superior, que ocorriam com estudantes das classes populares e discriminados. Visando também a articulação de setores excluídos, o PVNC também se propõe desenvolver uma luta extensa pela democratização da educação e contra a discriminação racial.

A Igreja Católica também teve seu papel na criação do PVNC. A proposta da criação do PVNC surgiu através da Igreja Católica, a partir de reflexões sobre a educação e o negro realizadas entre 1989 e 1992, na Pastoral do Negro em São Paulo. O principal resultado concreto deste debate foi à concessão de 200 bolsas de estudos pela PUC-SP, destinadas para estudantes participantes do movimento negro. (SANTOS, 2007)

Essas 200 bolsas fizeram surgir no Rio de Janeiro, a ideia de organizar um curso para estudantes negros. Em 1993, o PVNC consolidou seu primeiro núcleo na Igreja da Matriz em São João de Meriti, localizado na Baixada Fluminense (VASCONCELOS, 2010, p. 07)

Em 1994, foi o ano em que o PVNC constitui-se como um Movimento Social de Educação Popular. Sua equipe era composta por quatro coordenadores e dez professores. Nesse momento estava posto o desafio com a criação do PVNC e a chegada dos alunos nas universidades. O PVNC é o maior responsável pela propagação dos pré-vestibulares populares ou comunitários em todo o Brasil hoje.

Atualmente o PVNC é na verdade uma rede de cursos populares com núcleos na Baixada Fluminense, Petrópolis, Município do Rio de Janeiro e até mesmo em outros estados, e segundo Santos (2007) o PVNC chegou a ter no final da década de 1990, quase 90 núcleos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e com o passar do tempo outros cursos foram surgindo e se expandindo pelo Brasil.

Também é necessário destacar a péssima qualidade do ensino de ensino médio (2º grau) na Baixada Fluminense, que praticamente eliminava as possibilidades de acesso ao estudante da região ao ensino superior, o baixo percentual de estudantes afrodescendentes nas universidades, sendo apenas 5% desses universitários negros, onde a população afrodescendente era constituída por 49,5% total no território

brasileiro e a dinâmica interna das universidades públicas, concebida para estudantes pertencentes às classes e grupos privilegiados, dificulta bastante à permanência dos estudantes de classes populares como os horários, currículos, materiais, metodologias e professores que tornam praticamente impossível a permanência desses estudantes.

Finalmente, não é difícil verificar que estes alunos do núcleo do PVNC, em grande maioria afrodescendentes, se caracterizam por um lado pela pobreza, e por outro por não possuírem aquilo que Bourdieu (1998) denomina como “capital cultural em estado incorporado”, que atua de forma mais marcante na definição do futuro escolar destes sujeitos com desvantagens culturais que são herdeiros de pais poucos escolarizados e que, por tanto não acumularam no âmbito familiar conhecimentos culturais e socialmente úteis que facilitem o aprendizado dos conteúdos e códigos escolares que funcionam como uma ponte entre o mundo da família e o da escola.

Por tanto, estes estudantes procuram alternativas como livros, passeios culturais, para romper os obstáculos das ‘ordens das coisas’ (BOURDIEU, 1998a) e ingressar no ensino superior.

A partir de 1994, com o sucesso obtido através das aprovações e a repercussão do trabalho realizado durante o ano de 1993 – que obteve 34% de aprovação para Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), demais grupos decidiram expandir, organizar novos núcleos do Curso Pré-vestibular para Negros e Carentes.

“[...] Os apoios no meio religioso, o sucesso alcançados em termos de aprovação (fala-se num índice de 34% dos concluintes para universidades públicas, e quatro alunos aprovações para a PUC)[...]” (SANTOS, 2007, p.240).

Em 1995, foi criado o Conselho Geral, que se reunia mensalmente com o objetivo de articular os cursos em torno de objetivos comuns. Muitos dos mais de 150 cursos hoje existentes no Estado do Rio de Janeiro foram criados a partir do trabalho realizado através do PVNC. Destes cursos 40 fazem parte do conselho geral do PVNC, que é a instância coletiva que organiza esse movimento.

No contexto histórico dos cursos pré-vestibulares populares, o Movimento Pré-Vestibular para Negros Carentes, tem um papel fundamental, pois além de estimular a criação de demais cursos, foi o primeiro a organizar-se como uma rede, buscando parcerias, negociando isenções de taxa de inscrições e bolsas de estudos com universidades públicas e privadas, a mover ações judiciais contra universidades a fim de garantir o direito do estudante pobre a realizar a prova do vestibular, utilizar a mídia para divulgar seu projeto, a divulgar sua experiência em eventos políticos e acadêmicos, aparecer em documentos governamentais. Enfim, foi a partir do PVNC que surgiu demais cursos pré-vestibulares populares.

Para Paiva (2003), não podemos tratar o movimento educativo somente enquanto reações a pressões econômicas, sociais e políticas. Ainda que a riqueza de uma sociedade e a oferta de oportunidades educacionais esteja profundamente unida, embora o sistema educacional nos permita perceber as desigualdades sociais e os interesses das classes dominantes, o movimento educativo adquiriu sua própria dinâmica decorrente da universalização de alguns ideais educativos após a Revolução Francesa, onde todos os cidadãos teriam direito à educação escolar gratuita e obrigatoriedade do ensino elementar, ampliando suas redes escolares ou melhorando a qualidade de ensino.

Paiva ainda chama a atenção para o fato de que ao estipular tais medidas, as mesmas se tornam estéreis por que não correspondem as reais condições da sociedade. No caso do Brasil, muitas discussões surgiram a partir da questão que envolvia a gratuidade do ensino elementar antes de 1870, num momento em que quase não possuíamos uma rede elementar de ensino, o mesmo ocorre com as leis francesas de 1822 sobre a laicidade e obrigatoriedade da escola pública que de imediato não provocou nenhuma modificação substancial do sistema educativo.

Além de possuir esta dinâmica própria, às vezes escassa, mas que existe, a educação de forma decisiva influi sobre a evolução da sociedade, como instrumento de mão-de-obra, na formação e multiplicação de cientistas, pesquisadores e tecnólogos que poderão de forma decisiva contribuir para a transformação das estruturas vigentes na sociedade a que serve.

Assim, podemos afirmar que os Pré-Vestibulares são canais privilegiados de formação da discussão racial, de gênero, de igualdade social. Dessa maneira os cursos se organizam sobre pactos ideológicos frouxos (SANTOS, 2007), nos últimos anos, presenciam a expansão dos cursos Pré-Vestibulares dirigidos à classe popular, com propósito de promover maior oportunidade de acesso ao ensino superior, em que historicamente era de privilégio das classes dominantes, queremos afirmar com isso, que em uma sociedade desigual e com uma formação histórica baseada na existência de raças e culturas superiores e inferiores, e em tempos de políticas (neo) liberais e de uma globalização econômica devastadora de povos, culturas e natureza, é necessário que a sociedade organizada em movimentos sociais possa aceitar o desafio de visualizar relações não excludentes e caminhem no sentido de ampliar a esfera do público e da atuação política da cidadania.

2.2: A Origem e Participação dos Pré-Vestibulares Comunitários

No início dos anos 90 surge o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) que tinha iniciativas educacionais de diversas entidades, de trabalhadores em educação e de grupos comunitários, destinados a uma pequena parcela da população, colocada numa posição desprivilegiada pela situação de pobreza que lhe é imposta. O PVNC deu lugar a um movimento em escala nacional de construção de cursos Pré-Vestibulares de corte popular, racial.

A nacionalização desta forma de ação resultou das articulações políticas de seus sujeitos na escala nacional, que eram herança e capital decorrentes de sua atuação anterior e paralela em movimentos antirracismo, religioso, partidários, sindicais, etc., além das interfaces entre esses (SANTOS, 2007, p. 229).

Além do PVNC, destaco aqui a Associação dos Servidores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (atual SINTUFRJ), filiado Central Única dos Trabalhadores (CUT), criado em 1986, e tinha como projeto ‘Universidade para Trabalhadores’ onde se criou um curso popular com objetivo de ajudar na formação cultural e crítica dos funcionários da UFRJ e seus familiares, assim o curso trazia discussões sobre sociedade e política (VASCONCELOS, 2010, p.7) dentro desse projeto surge um curso Pré-Vestibular.

A fim de alargar o campo de atuação do movimento, integrando-o à discussão dos rumos da universidade, da educação e da cultura, o projeto Universidade para os Trabalhadores propõe-se a contribuir para a formação educacional e cultural dos funcionários da UFRJ seus dependentes, dos trabalhadores sindicalizados e de moradores das comunidades populares, através de três subprojetos: a) Curso Pré-Vestibular; b) Curso de Alfabetização e Supletivo 1º e 2º Graus; c) Curso de Formação Sindical e Cultural (SINTUFRJ, 1996, p. 26).

A fim de atender aos objetivos do projeto Universidade para Trabalhadores o pré-vestibular incorporaram em seus conteúdos, estudos básicos sobre política, economia e sociedade, na perspectiva de contribuir para o melhor e mais crítico entendimento da realidade social. Ainda no campo sindical é citado o Pré-Vestibular alternativo da Associação dos Servidores da UERJ (ASUERJ), em funcionamento desde 1998, implantado para funcionários e dependentes da universidade e desde 1999, presta serviços à comunidade externa, oriunda de escolas públicas (ZAGO, 2008).

Também destaco no ano de 1992 o surgimento da Associação Mangueira Vestibulares para atender aos estudantes da comunidade do Morro da Mangueira, no Município do Rio de Janeiro, criado por um grupo de professores de uma escola pública na comunidade da Mangueira. O Mangueira Vestibulares assim como o SINTUFRJ, apresenta também preocupação com o desenvolvimento de uma espécie de pedagogia emancipatória, por considerar os cursos pré-vestibulares tradicionais como meros treinamentos. Porém o Curso Mangueira Vestibulares era voltado para a classe popular enquanto o SINTUFRJ preocupava-se claramente com a classe dominante.

Em 1994, o PVNC atinge outras dimensões e se ramifica em vários núcleos, entre os quais o núcleo Rocinha, por ser o quinto núcleo do PVNC e o primeiro na zona sul do Rio de Janeiro, situado em uma das maiores favelas da América Latina (TORQUATO, 2008).

Em 1999, o PVNC Rocinha se desvincula do PVNC e seus membros decidiram modificar seu nome para Pré- Vestibular Comunitário da Rocinha e inicia uma nova etapa, dando continuidade a sua concepção de movimento social que altera sua postura

político-ideológica preocupados em atender as especificidades da favela da Rocinha e não somente a questões raciais. A negação dos sujeitos no que tange a questão racial como movimento de ações, mesmo frequentando o PVNC consideravam sua origem racista, de outro, sujeitos moradores da Rocinha indicavam que a definição Negro afastava mais do que unia naquela localidade, onde a maioria dos moradores eram de origem nordestina e não se identificavam como tal e nem com os negros.

Depois de romper com o PVNC, a coordenação, os professores e alunos do PVCR fazem a opção por outra linha política atravessando a incorporar ao discurso do movimento uma perspectiva que vai além das questões raciais, pois para esse grupo, oriundo, em sua maioria, da própria favela ou adjacências, outras discussões seriam desnecessárias para estabelecer uma marca identitária local ao movimento. (TORQUATO, 2008, p.63).

Santos (2007) identifica a presença de várias vertentes ideológicas dentro do movimento do PVNC, das quais se destacam como principais as religiosas e as relações políticas. O autor também aponta que essas duas vertentes geram tensões e rupturas dentro do PVNC surgindo novas experiências, como o Pré-Vestibular da Rocinha com uma perspectiva que vai além das questões raciais.

Desta forma, o processo de auto-investigação realizada nesta monografia compreendeu o levantamento bibliográfico sobre a trajetória dos Cursos Pré-Vestibulares Comunitários e a permanência destes alunos nos ensinos superiores. Reflito sobre tais questões que surgem a partir da nitidez das reuniões e nos debates pedagógicos que expõem as rupturas entre os objetivos propostos (político/pedagógicos), em geral voltados para a população negra e de baixa renda. Esta dinâmica cotidiana se fundamenta em uma forma de ensino e aprendizagem não convencional, entretanto eficaz no processo de emancipação.

Capítulo 3: O Centro de Atividades Comunitárias Esperança do Futuro (CACEF)

3.1: Breve Histórico do CACEF

O objetivo deste capítulo foi desde o início investigar quais são as atuações, os papéis, a importância dos Cursos Pré-Comunitários não apenas o CACEF enquanto instituição, mas sim como espaço aberto de discussão e formação acadêmica de qualidade apresentando uma breve revisão da evolução histórica do CACEF. Para nortear a pesquisa, o instrumento de coleta de dados escolhido foi a entrevista, auxiliada num roteiro estruturado, permitindo conhecer melhor o público alvo, assim como a opinião do mesmo sobre o assunto, além de comparar e interpretar os dados coletados com o obtido juntamente aos referenciais teóricos.

A pesquisa teve como instrumento de análise: pesquisa documental, elaboração de questionário e realização de entrevistas com três alunos, um ex-professor coordenador e a presidente do curso CACEF. A escolha desses sujeitos se justifica pelo fato deles serem as maiores vítimas da desvalorização e por serem moradores da localidade desfavorecida geograficamente no Brasil, além de diagnosticar as reais questões vivenciadas pelo CACEF.

(...) Falar da origem da favela, é ainda hoje, algo controverso. Os estudos sociológicos sobre as favelas durante um tempo tentaram traçar alguns marcos de origem desses espaços geográficos e sociais, cuja população local é constituída, predominantemente, pelos mais pobres da cidade. (TORQUATO, 2012, p.51)

A partir de tais questões daremos início à pesquisa realizada com a Presidente do CACEF, a senhora Conceição Lima, que nos recebeu em sua residência após ter aceitado o convite para nos dizer um pouco sobre o CACEF e sua trajetória tanto de vida como no CACEF.

Conceição Lima atuou como Freira Missionária Salesiana Coração de Maria das Irmãs de Tanguá (existente até hoje) durante 15 anos. Formada em Teologia em Nova Iguaçu, Filosofia no Mosteiro de São Bento e Pedagogia na Universidade de São Paulo (USP), aluna de Paulo Freire e atuante em Movimentos Sociais a favor dos

professores. Aos 25 anos, decide sair de sua cidade natal, Itanhaém no litoral de Santos, para morar no Rio de Janeiro, e em 1996 vem morar no Morro do São Carlos, na residência de uma freira para ajudar a auxiliar neste período a parte burocrática da Creche Comunitária Esperança do Futuro². Ao chegar, percebeu que uma creche necessitava de uma instituição que pudesse movimentar as verbas, pois nem tudo era usado em proveito a Creche. Na afirmação de Conceição, porém, o CACEF era somente um nome que se dava para receber as verbas que eram destinadas para a creche. Essa intromissão rendeu a Conceição problemas, e no final do ano 2000 início de 2001 sai do convento (não entrou em detalhes).

Na passagem dos anos de 2000 para 2001, Conceição, assume a presidência e dá uma guinada no CACEF, tornando-se verdadeiramente uma Instituição não governamental que presta serviços comunitários aquela região. Neste período adquire parceria com a BRIDDERLECH DELLEN- BD, de Luxemburgo, que financia 70% da verba dos trabalhos realizados no CACEF.

A partir desta parceria com Luxemburgo e de assumir a presidência, Conceição inicia outras atividades interessadas à comunidade de acordo com a necessidade daquela localidade. Além da Creche, que tem como financiadores BRIDDERLECH DELLEN (BD), de Luxemburgo, e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), a comunidade dispõe de um trabalho voltado para Educação de Jovens e Adultos (EJA), financiada pelo MOVA (Movimento de Alfabetização) e oficinas pedagógicas. Depois de oito anos trabalhando junto ao MOVA, em 2007 inicia suas atividades com o Serviço Social da Indústria (SESI), que tinha como princípios renovar e transformar a forma de ensinar.

Devido à necessidade da comunidade, que ao terminar o ensino médio, se viam desorientados, Conceição percebeu que seria necessária à construção de um projeto voltado para estes estudantes que tinham como objetivo o exercício da cidadania voltado para as crianças, adolescentes, jovens e adultos que vivem no conjunto de favelas do Complexo de São Carlos. O Curso Pré-Vestibular do CACEF foi um projeto desenvolvido no intuito de proporcionar aos sujeitos de classes populares a

² Toda parte burocrática anteriormente era realizada pela presidente do CACEF, senhora Ângela, apoiada pelas freiras. O CACEF tem uma história paralela e de criação conjunta com a creche, com o terreno da creche doado pela ONG Terra dos Homens.

possibilidade de ingressar nas Universidades Públicas no Estado do Rio de Janeiro (Anexo B).

Em 2005, é criado o Pré-Vestibular Comunitário. Seu primeiro endereço localizado no Bairro São José Operário no Complexo do São Carlos, a demanda para o Pré-Vestibular foi melhor que as expectativas, entretanto a contratação dos profissionais foi um grande problema devido à localização geográfica do curso. Também notou diversas dificuldades dos estudantes no que diz respeito à frequência nas aulas já que neste ano a favela passava por momentos de conflitos entre facções criminosas que queriam dominar pontos de drogas, e o CACEF ficava localizado num ponto muito perigoso. Mesmo assim, o Pré-Vestibular terminou suas atividades com três professores, assiduidade dos estudantes, comprometimento de todos para dar continuidade ao Pré-Vestibular. Apesar destas conquistas os responsáveis pelo CACEF tinham a preocupação em procurar outro local para o Pré-Vestibular.

Em 2006, o Pré-Vestibular do CACEF muda-se para a entrada da rua principal ao lado da peixaria. As dificuldades persistiam em contratar professores e em conseguir um local para instalar o curso, pois na própria comunidade há a exclusão social, onde se entende que o espaço a ser alugado para um Pré-Vestibular Comunitário os indivíduos que ali frequentarão seriam oriundos da favela, o mesmo ocorre na contratação de profissionais, a partir do momento em que as aulas serão dadas numa localidade geograficamente perigosa muitos deles desistem.

O curso tinha como coordenadora a professora recém-formada Ana Paula e mais quatro professores (Fotos). O Pré-Vestibular obteve três aprovações e neste momento significou grande importância para o CACEF, que apresentava diversas dificuldades. Neste período o Pré-Vestibular muda-se novamente e fica até o final do ano de 2006.



Foto 1 - Professor de Química, Conceição, Marcia, Silvana e a D. Elza, responsável pelo imóvel, 2007.



Foto 2 - Professoras Márcia, Silvana e Ana Paula (Coordenadora), 2007.



Foto 3 - Dídimo, graduando em Biblioteconomia na UNIRIO e Professor Mauricio, 2007.

Em 2007, o Pré-Vestibular é transferido para outro imóvel. Continua no mesmo endereço (rua), só que do outro lado da calçada, num sobrado em cima da barbearia, próximo ao ponto das kombis e da moto táxi. No início devido à obra que estava sendo realizada na sala, nós alunos tivemos aulas num pequeno cômodo. Depois que a obra foi concluída, a sala totalmente adaptada, com cadeiras próprias para o estudante apoiar seus materiais, quadro branco e dois ventiladores, os professores distribuía cópias de textos, e o curso disponibilizava uma verba mínima para pagar a taxa de inscrição dos vestibulares para aqueles que não tinham condições de pagar.



Foto 4 - Espaço de sala de aula e grupo de alunos, 2007.

Durante a semana, de 2^a a 6^a o Pré-Vestibular Comunitário funcionava das 18h até às 22h, com uma frequência de 20 alunos em média, também eram oferecidas aos sábados as monitorias à tarde às 14h, conforme o calendário dos exames para o vestibular sendo estas não obrigatórias para os estudantes, entretanto, fundamental no trabalho com os conteúdos, conhecimentos adquiridos pelos vestibulandos e para o esclarecimento de dúvidas. Assim como qualquer curso de formação, o Pré-Vestibular necessitava de empenho e dedicação para concluir. E diversas são as dificuldades enfrentadas pelos alunos no período do curso.

Muitos trabalhavam durante o dia numa jornada de 8 horas e ao término do expediente além de sofrerem com a vinda para o curso, com transportes lotados e congestionamentos intensos, ao ingressarem na sala de aula durante 4 horas de aulas, onde faz crescer bastante o cansaço e a desistência. Preocupada em acabar com a evasão a coordenadora do curso trabalhou a conscientização dos vestibulandos no que diz respeito ao exame da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mostrando aos alunos que pelo fato da prova ser aplicada no começo do ano, eles não estariam preparados para o exame e que o sistema educacional brasileiro não atende a esse modelo de prova, isso fazia com que alguns destes vestibulandos desistissem de abandonar o curso.

[...] Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (FREIRE, 1987, p. 19).

No entanto, os estudantes que prosseguiram até o final, foram os que obtiveram sucesso e ingressaram nas Universidades Públicas e Privadas, através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Programa Universidade para Todos (PROUNI), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ - sistema de cotas).

Sabemos que o Pré-Vestibular Comunitário tem um papel importante no processo de discussão e acesso dos menos favorecidos ao ensino superior. Neste curso os saberes são compartilhados entre os professores (maioria graduandos ou recém-formados), e o compromisso do aluno vai além dos conteúdos para a prova, formando, conscientizando e lutando pelos seus direitos onde o assunto primordial gira em torno de todas as disciplinas, possibilitando realizar mudanças na realidade em que vivem e de produzir conhecimento. O CACEF tinha a preocupação com o tipo de educação que era implantada e disseminada durante ao longo dos anos compreendendo o que se faz necessário repensar e refletir sobre esta problemática na formação destes sujeitos que lutam pela concretização dos seus direitos e de sua cidadania.

Discorrer sobre a origem do CACEF é muito gratificante para mim, o papel social deste Curso tinha como pretensão atender em geral estudantes de baixa renda motivando-lhes através de uma educação geral e sólida, um alicerce tanto para o sucesso em provas de vestibulares das Universidades Públicas como também para a sua manutenção e crescimento dentro da instituição, através de um enriquecimento cultural do aluno, fator importantíssimo para a atuação em diversos espaços sociais independente de sua trajetória social.

3.2: Professores e Alunos

Iniciamos o subcapítulo destacando uma característica marcante do CACEF, que foi o incentivo dos educadores em mobilizar os alunos para ingressarem na Universidade Pública. Entendo tal movimento como uma possibilidade de concretização do direito ao acesso a Universidade Pública de qualidade a estes indivíduos que muitas vezes se sentem incapazes de ocuparem os espaços dessas instituições de formação acadêmica, sabendo que, este aluno precisa prestar um processo seletivo perverso e classificatório denominado como a prova de vestibular.

Desta forma, vale ressaltar que a educação é um importante instrumento de conscientização popular e por este motivo não recebe do poder público na seriedade fundamental para a desalienação dos indivíduos das classes populares tornando-se instrumento de manutenção de poder da classe dominante, a educação formal, desde seu surgimento ficou restrita a esta classe, excluindo os desfavorecidos deste processo.

A partir disto, levantaremos questões aproveitando as contribuições destes sujeitos, que ultrapassaram barreiras e ingressaram na Universidade. Destacaremos a importância que o Vestibular representou, a partir das perspectivas destes alunos oriundos das escolas públicas, que possibilitou o ingresso no ensino superior.

Entre o período do mês de maio de 2014, realizamos entrevistas com ex-alunos do CACEF todos oriundos de escolas públicas. Vejamos o que estes alunos pesam sobre o Pré-Vestibular do CACEF.

A ex-aluna Fernanda tem 25 anos, é solteira e reside com sua mãe e seus dois irmãos menores no Rio de Janeiro. Sua mãe trabalha com vendas e tem o ensino médio completo, seu pai também completou o ensino médio. Sua escolarização por algum período deu-se em escolas privadas e públicas. Seu Ensino Médio foi numa escola pública de formação de professores. Soube da existência da instituição por uma tia que tinha um salão de cabelereiro localizado ao lado da sala onde o CACEF funcionava.

Fernanda conclui o Ensino Médio em 2007 com 18 anos. Desde então começou a frequentar o Pré-Vestibular Comunitário CACEF no período de agosto de 2007, estudando e fazendo estágio durante o dia. No ano de 2008 continuou frequentando o CACEF se preparando para o Vestibular, conseguia conciliar o trabalho no comércio

numa loja de shopping com os estudos do curso. Atualmente já formada em Comunicação Social, trabalha como professora do ensino fundamental pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

Fernanda prestou Vestibular para a UERJ, UNIRIO, e conseguiu aprovação no ano de 2008 para o curso de Biblioteconomia na UNIRIO, e uma bolsa de 100% pelo ENEM na UVA (Universidade Veiga de Almeida) para cursar Comunicação Social.

É interessante destacar que Fernanda no momento da entrevista nos diz que o CACEF teve um papel importante fundamental no seu ingresso para a Universidade, pois mesmo pelo fato dela estar formada há pouco tempo no curso de formação de professores, parte dos conteúdos fundamentais para o Vestibular ela só teve no CACEF.

Além desta questão importante relatada acima, Fernanda lembra com muito carinho das amizades conquistadas durante o período em que frequentou o curso, dos colegas e dos professores que sempre motivavam aquele grupo.

As aulas eram incríveis onde os debates sobre diversos assuntos eram frequentes, e quase sempre havia aulas passeios que ocorriam em centros históricos, onde muitos alunos nunca tiveram a oportunidade de conhecer, às vezes por falta de tempo, mais na maioria das vezes por falta de conhecimento mesmo.

Izabele tem 27 anos de idade. Moradora do São Carlos, mora com sua mãe. O pai de Izabele não tem o ensino fundamental completo, e trabalha no seu bar que fica localizado na parte alta do morro, chamado Bica. Já sua mãe, não completou o ensino fundamental, e trabalha como doméstica.

Toda a sua trajetória escolar foi realizada em escolas públicas. Concluiu o ensino médio em 2006, quando tinha 19 anos. Na época em que cursava o CACEF trabalhava como Telemarketing. Atualmente, trabalha numa escola de educação infantil como professora auxiliar.

Em 2007, Izabele passa a frequentar o Curso Pré-Vestibular por intermédio de uma prima, que a apresentou o CACEF. Somente no ano de 2008 prestou Vestibular para a UERJ e UNIRIO, conseguindo aprovação para o curso de Pedagogia pela UNIRIO. Quando perguntamos a Izabele qual a contribuição do CACEF para a sua

entrada a Universidade, ela afirma que: “De uma forma geral para as pessoas que vivem no ambiente onde o CACEF funcionava, é como se trouxesse a esperança, mostrando que há outros caminhos a serem seguidos. E os projetos comunitários muitas vezes acabam possuindo este valor. Agora para mim, que sempre tive a pretensão de entrar em uma Universidade Pública foi de suma importância, pois, tive a oportunidade de conhecer profissionais maravilhosos e amigos que possuíam o mesmo objetivo (ingressar na Universidade) e que me deram todo apoio, já que na época do Pré-Vestibular eu estava trabalhando. Além disso, o CACEF foi importante na minha preparação para o outro lado da educação, o famoso “senso crítico” tão mencionado na Universidade, mas que eu desconhecia na escola”.



Foto 5 – Mural do CACEF, 2007.

Izabele demonstra em seu relato que o CACEF foi uma ponte importante para a concretização de um objetivo, onde o maior desafio do CACEF naquele momento não era somente garantir que os estudantes conseguissem uma vaga nas Universidades e sim que estes sujeitos sociais e coletivos de direitos tenham a possibilidade de realizar mudanças na realidade em que vivem e de produzir conhecimento.

Assim como Fernanda, Izabele lembra com muito carinho do CACEF, “Vejo como uma boa lembrança a nossa convivência, tanto com os colegas quanto com os

educadores. Era um ambiente leve, familiar. Claro que existiam as cobranças como qualquer instituição de ensino, as coisas não eram desordenadas, mas eram tranquilas”.

Carlos Henrique tem 30 anos, morador do São Carlos. Sua mãe não completou o ensino fundamental e seu pai finalizou o ensino médio. Neto de nordestinos, sem escolaridade, seus avós vendiam sorvete para ajudar na renda familiar. Carlos estudou sua vida toda em escolas públicas e concluiu o ensino médio no ano de 2002. No mesmo ano prestou Vestibular mas não obteve êxito.

No ano de 2006, conheceu o Pré-Vestibular através de uma faixa que ficava pendurada no poste da rua onde ele mora. A partir deste ano começou a frequentar as aulas. Frequentou o curso durante um ano, depois ficou auxiliando os estudantes do Pré em algumas aulas como monitor. Nesse mesmo ano prestou Vestibular conseguindo aprovação para duas Universidades de excelência, a UFRJ para o curso de Letras, Português-Latim e para a UNIRIO no curso de Teoria Teatral. Em 2007 inicia seu curso na UFRJ, na época trabalhava auxiliando uma produtora musical.

Para Carlos o período em que frequentou o CACEF, foi fundamental para compreender o caráter crítico da Universidade, sabendo sua rotina e seu funcionamento. Também foram fundamentais para o aperfeiçoamento no aprendizado de alguns temas que foram de extrema relevância nas disciplinas da Universidade, como as de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Fundamentos da Cultura Brasileira e Linguística.

Atualmente, Carlos trabalha como estagiário numa empresa de compra e venda realizando a tarefa de revisor de anúncios. Praticamente terminando o curso de LETRAS, no momento da entrevista lembra com carinho do CACEF, a forma em que os professores se esmeravam para que alcançassemos um resultado satisfatório nas provas. “A solicitude e a abnegação dos professores foi a motivação do curso”. Carlos gostaria muito de dar continuidade no que se refere ao curso comunitário como professor, auxiliando outros estudantes que assim como ele teve a oportunidade de estudar no CACEF, mais infelizmente com o fechamento do Pré-Vestibular do CACEF, e com a ausência de outros cursos Pré-Vestibulares pela redondeza, pensa apenas em se preparar para diversos concursos.

Rafaela, 33 anos. Moradora do São Carlos. Filhos de pais separados, a mãe possui somente o ensino fundamental e o pai terminou o antigo 2º grau. Estudou um ano em escola particular, mais sua vida escolar deu-se em escola pública. Formou-se em 1999 no curso de formação de professores, no Instituto Superior de Educação, foi a penúltima turma de formação, pois o curso estava extinguindo, a partir do século XXI seria obrigatório a formação em Pedagogia.

Em 1999, frequentou o curso Pré-Vestibular do IFCS-UFRJ (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais), onde conseguiu pontuação para o ingresso no curso de LETRAS, Português-Alemão. Por prever as dificuldades que eu passaria em me manter no curso (pois o mesmo era integral), nem fiz a inscrição. Vi ali minha primeira frustração acadêmica, onde um sujeito oriundo de uma classe desfavorecida se vê obrigada a abdicar de um objetivo de estudar numa Universidade de excelência.

Por algum tempo, e por motivos pessoais guardei a vontade de ser uma universitária, trocando pela maternidade. Em 2006 minha mãe comentou sobre o Pré-Vestibular, que ela viu numa faixa na subida do morro convidando jovens e adultos a frequentarem o curso, na faixa tinha o endereço. Só que naquele momento eu não via a possibilidade de frequentar um curso, trabalhando e com um filho pequeno, o cansaço era maior.

Foi justamente numa conversa entre colegas, um desabafo, que resolvi ver como era o tal curso. Foi em 2007, cheguei em casa muito cansada, mais como tinha combinado com uma colega, fui. Ao chegar ao curso fomos muito bem recepcionadas, as aulas estavam sendo realizada num pequeno cômodo, a sala que seria realizada o curso estava em obra. Fiquei abismada quando soube que a professora de história era uma menina mais nova que eu, então pensei: “Nossa que legal, uma professora nova!”. A partir daquele momento todos os dias sentia a vontade em ir para o curso, comprei caderno, lápis, caneta, parecia até que voltava ao tempo.

O ano de 2007 foi bastante produtivo, eu aprendi muito, até conteúdos que nunca tinha visto na minha vida escolar, até mesmo tornar-se um sujeito crítico. Nós tínhamos uma visão de vida bem moldada pela escola, resposta copie e cole, não sabíamos falar por nós mesmos, não sabíamos compreender o que estava acontecendo no mundo em que vivemos. Foi então ao tentar compreender as demandas

educacionais como aquelas que são, por inúmeras vezes controladas pelo Estado, aparelho burguês de discriminação e reprodução de uma educação destinada para o mercado, uma educação bancária nos faz refletir algumas dificuldades enfrentadas pelos Pré-Vestibulares Comunitários, como um desafio nos transforma em um sujeito crítico capaz de compreender questões jamais um dia discutidas dentro de uma sala de aula que somente nos preparava para aprender o que o sistema quer.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo... E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 2007, p.51).

Nesse mesmo ano fui convidada pelos professores a participar do Vestibular para a UNIRIO, no começo o medo não me permitiu, mais os professores sempre confiantes transformaram o medo em oportunidade. O estudo era intenso, e os comprometimentos que os professores tinham com a gente eram tantos que naquele mesmo ano o aluno Tiago conseguiu uma vaga para a UNIRIO no curso de Biblioteconomia pelo ENEM, isso era um incentivo para todos, e no final do ano outros três estudantes conseguiram aprovação para Universidades Públicas. Eu consegui passar para a última fase, mais fui pega na Redação que tinha como proposta a produção de um texto dissertativo-argumentativo, onde o candidato deveria considerar sua experiência considerando a experiência comunicativa no dia-dia.

Enfim, me senti tão frustrada por não ter conseguido alcançar um objetivo e alegrar a todos que em mim depositaram uma intensa confiança. Chorei muito e por vários momentos pensei em desistir, mas como sempre disserto em quase todo meu trabalho, além da família e amigos tenho que destacar aqui a presença de professores que sempre depositaram toda a credibilidade em nós e que nunca deixaram nos abater.

Em 2008, frequentei o curso, mesmo cansada conciliar trabalho, filho e curso não seriam uma questão fácil, “mais quem disse que seria fácil”? Mesmo assim prestei Vestibular para a UERJ e não consegui nota para prosseguir, mas foi para a UNIRIO que conquistei uma vaga. Passei para o curso de Pedagogia, desta vez eu chorava de felicidade, e minhas notas principalmente na redação foram boas. Este ano o Pré-

Vestibular fechou e infelizmente fomos a última turma e além da minha aprovação houve mais três entre elas a aprovação pelo ENEM.

Para Conceição, o CACEF não prosseguiu com suas atividades voltadas para a preparação dos estudantes para o Vestibular devido a políticas de cotas facilitando a aprovação destes estudantes oriundos de escolas públicas, negros e pardos. Com isso, o índice de aprovações para as instituições públicas e privadas teve grande significância no que tange a quantidade de aprovados, sendo assim diminuindo a quantidade de cursos Pré-Vestibulares Comunitários.

Estes jovens do Morro do São Carlos, no Rio de Janeiro, frequentadores do CACEF, apesar de todas as dificuldades materiais que atravessaram alcançaram uma vaga nas Universidades Públicas e Privadas (ENEM). Podemos perceber que todas as aprovações se concentraram em cursos da área humanas. Vale ressaltar que quase todos os alunos tentaram o Vestibular por meio das cotas, porém a parte burocrática complica bastante. Muitos destes alunos se consideram negros e pardos, ao confirmar isso o próprio sistema desqualifica essa opção. Tal discriminação é pródiga na reprodução das desigualdades que se originam historicamente.

Os estudantes negros e pardos em maior proporção que frequentava o CACEF eram oriundos de escolas desqualificadas e poucas produtivas, que conviviam com a pobreza e a destituição ao enfrentar o preconceito diário no cotidiano escolar desde o início de sua trajetória educativa, carregando quantidades absolutamente desiguais de capital cultural.

Por fim, as principais questões destacadas nas entrevistas dizem respeito à relação com os estudantes, sua realidade social e os efeitos do passado escolar em relação aos estudos. Trata-se de alunos que possuem um histórico escolar pouco competitivo no exame de acesso ao ensino superior. Professores que precisam resgatar a autoestima daqueles sujeitos que desacreditados de um ensino público de má qualidade, necessitam rebuscar conteúdos jamais vistos, e assim recuperando essa defasagem, porque nunca foi ensinado na rede pública de ensino por diversos problemas. Além dessas observações, a proposta do trabalho também é dar mais visibilidades à ação dos docentes que como dito, investem na preparação para o Vestibular, ultrapassando seus limites estruturais, pessoais e de possibilidades.

3.3: O Legado

[...] Se o ingresso no ensino superior representa para esse grupo de estudantes “uma vitória”, a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso. Originários de famílias de baixa renda, esses estudantes precisam financiar seus estudos e, em alguns casos, contam com uma pequena ajuda familiar para essa finalidade (ZAGO, 2006, p. 233).

Há que se notar a importância do Pré-Vestibular do CACEF que durante quatro anos, foi uma das principais formas de tentativas de transformar a realidade de sujeitos desfavorecidos de curso próximo de casa, oferecendo formação a estas pessoas para a disputa por uma vaga na Universidade de forma menos desigual e além de tudo, trabalhando com a conscientização crítica tendo como finalidade a conquista de autonomia, desta forma conseguindo a inclusão que antes para muitos seria impossível.

“A educação “bancária”, em cuja prática se dá a conciliação educador-educandos, rechaça este companheirismo. E é lógico que seja assim. No momento em que o educador “bancário” vivesse a superação da contradição já não seria “bancário”. Já não faria depósitos. Já não tentaria domesticar. Já não prescreveria. Saber com os educandos, enquanto estes soubessem com ele, seria sua tarefa. Já não estaria a serviço da desumanização. A serviço da opressão, mas a serviço da libertação” (FREIRE, 1987 , p.36).

A partir da contribuição de Freire podemos dizer que a realidade do ensino vivida pelos estudantes oriundos das camadas populares muitas vezes aliena o modo de pensar e agir do estudante, onde podemos chamar de uma falsa educação, refletido muito na vida educacional destes sujeitos que são marginalizados e relegados á segundo plano. Quando pensamos numa educação voltada para a vida, notamos que a educação que chega a esses estudantes de escolas públicas, chega de uma maneira pronta, nos livros didáticos, nas lições, assim dificultando uma forma de aprender com prazer. Para Paulo Freire ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição à discriminação.

Sendo assim, podemos destacar uma característica marcante do CACEF que era o incentivo dos educadores em valorizar nossos conhecimentos e mobilizar todos para entrarem na Universidade, possibilitando a concretização do direito à Universidade de qualidade para estes sujeitos advindos das camadas populares, sem perspectivas futuras, incapazes de ocuparem um lugar numa instituição de formação acadêmica.

Em suma, podemos destacar que o CACEF foi uma instituição que teve uma atuação importante por compreender que os estudantes oriundos daquele local geograficamente desfavorável eram detentores de um saber não valorizados e excluídos dos conhecimentos historicamente acumulado pela sociedade, nos tornando cidadãos capazes de pensar criticamente, estimulando nosso crescimento enquanto cidadãos, concedendo-nos uma ampla visão cultural, educacional e social.

Considerações Finais

Ao longo dos quatro anos de existência, o CACEF contribuiu para a formação de alguns alunos, muitos ingressando em Universidades Públicas ou Particulares ganhando bolsas, integrais e/ou parciais pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI), já na cultura do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O CACEF não foi um espaço de reprodução de conteúdos mais um espaço de reflexão, discussão, aprendizado, troca de experiências e fortalecimento de ideias, um espaço de afirmação dos sujeitos oriundos de classes populares, em busca de seus direitos.

Infelizmente, o CACEF finalizou as atividades no que se refere ao Pré-Vestibular Comunitário no ano de 2008, e ao contrário de nós, ex-alunos que tivemos a oportunidade de fazer parte desta instituição, afirmando que para nós foi de extrema importância, outros cidadãos não tiveram tal oportunidade. Acredito na contribuição e formação que o CACEF deixou em nossas vidas, fortalecendo a semente da luta para que a educação se torne real para todos e não de alguns, como tem sido em nosso país, buscando ideais na realização dos objetivos e na transformação dos sujeitos em cidadãos críticos-reflexivos e da não aceitação do discurso maior excludente que penetra o cotidiano dos alunos oriundos das favelas que almejam cursar uma Universidade Pública e gratuita.

O relato acima foi apenas um pequeno exemplo do dia-a-dia e do aprendizado que adquiri durante os anos que frequentei o CACEF, que em meio a tantas dificuldades, vieram à superação, o crescimento, as vitórias coletivas e individuais, a motivação para contar neste trabalho que fui ensinada a não desistir dos sonhos e prosseguir o caminho. Dos conflitos, das dificuldades, dos dilemas, dos desafios pedagógicos, nasce o novo, o INOVADOR, com a força do pensamento dos sujeitos.

Assim sendo, fica o registro crítico de um momento da história educacional carioca, vivenciado no interior do São Carlos, com ajuda financeira internacional e administrada por uma organização não governamental, recheada de sujeitos com histórias parecidas, imbuídos da vontade de fazer mudanças e como resultado, possibilitando a entrada de alguns na Universidade Pública ou Privada, contribuindo

para o efetivo exercício de construir uma nova sociedade, mais plural, representativa de culturas e que tenha a educação como motor principal de desenvolvimento.

Neste sentido, chegar ao fim do curso de Pedagogia é na verdade iniciar outro percurso como futura docente da educação básica ou nos diversos espaços de educação, sabendo que o processo de formação humana é permanente, e então, ter passado pelo CACEF e a UNIRIO, fortalece a ideia de construção do conhecimento em múltiplos territórios de saberes, muito além da escola formal, nos espaços do viver, no qual as narrativas compõem o cenário de reinvenção da própria existência.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. A Miséria do Mundo. Petrópolis: Vozes, 1998a.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) Olhares geográficos. Modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

FREINET, C. Educação pelo Trabalho: São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAESBAERT, R. (Org.) Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo. Niterói: EdUFF, 2013.

HARVEY, D. A Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

PAIVA, V. História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 2003.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 1997.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, R. E. N. Agendas e agências: a especialidade dos movimentos sociais a partir do Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Niterói: UFF, 2006.

SANTOS, R. E. N. (2004). Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas. Brasília: MEC/UNESCO, 2007. Coleção Educação para todos.

SHOR, I; FREIRE, P. Medo e Ousadia – O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SINTUFRJ, Universidade para Trabalhadores: Pré-Vestibular SINTUFRJ. Rio de Janeiro: Mimeo, 1996.

SILVA, R. T. Escola-Favela e Favela-Escola: “esse menino não tem jeito!”. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii / Faperj, 2012.

SILVA, R. T. A Formação de Professores e os Currículos Praticados em um Movimento de Educação Popular na Rocinha. Belo Horizonte, nº 48, 61-80, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n48/a04n48.pdf>>. Acesso em: 27/05/2014.

SOUZA, E. C. Territórios das Escritas do Eu: pensar a profissão – narrar à vida. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011.

SOUZA E SILVA, J. Por que uns e não outros? Caminhada de Jovens Pobres a Universidade. Rio de Janeiro: 7letras, 2011.

SOUZA e SILVA, J. Favelas: as formas de ver definem as formas de intervir. Econômica (Niterói), v. 13, p. 47-57. 2011.

TINOCO, A. Pré-Vestibulares Populares: projetos para emancipação das classes subalternas In: Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) - Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaço de Diálogos e Práticas. Porto Alegre, 2010.

ZAGO, N. Do Acesso à Permanência no Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares*, Florianópolis, v.11, nº 32, 226-370, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>>. Acesso em: 27/05/2014.

ZAGO, N. Cursos Pré-Vestibulares Populares: limites e perspectivas, Florianópolis, v.26, n.1, 149-174, jan./jun.2008. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em: 30/04/2014.

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

INSTRUMENTO DE PESQUISA - ENTREVISTA

- 1) Quando e como conheceu o CACEF? Quanto tempo ficou no CACEF?
- 2) Conseguiu aprovação em universidade, qual? Que curso?
- 3) Você trabalhava e estudava?
- 4) Qual a contribuição do CACEF para a entrada na universidade?
- 5) Qual é a lembrança marcante dos tempos de CACEF?
- 6) Você conhece outra instituição que ofereça o pré-vestibular comunitário no São Carlos nos dias de hoje? Caso sim, por favor, o nome e o lugar.
- 7) Você tem algum material da época do CACEF (fotos, cadernos, etc)? Em caso positivo, poderia emprestar para a pesquisa e devolvemos posteriormente.

ANEXO B

PROJETO : FORMAR PARA A CIDADANIA (Complexo do Morro de São Carlos – Rio de Janeiro)

Brasil

DURAÇÃO : 5 ANOS

2007-2011

Resumo do Projeto

O projeto **Formar para a cidadania** do Centro de Atividades Comunitárias Esperança do Futuro (CACEF) realiza o trabalho social e comunitário no complexo³ do São Carlos. Após a realização de um estudo das necessidades dos beneficiários e de seus problemas, o CACEF definiu a estratégia capaz de ser aplicada, na base da sua experiência e de suas capacidades, o que permitiu definir o objetivo específico do projeto, cujo trabalho volta-se para o exercício da cidadania entre crianças, adolescentes, jovens e adultos que vivem no conjunto de favelas chamado morro São Carlos.

As atividades concentraram-se sobre quatro grupos beneficiários diretos :

- crianças de 02 até 06 anos (creche 02-04anos) (oficinas pedagógicas 04-06)
- crianças de 07 até 12 anos (oficinas pedagógicas)
- adolescentes e jovens de 13 até 20 anos (ofic pedag e grupo de estudos)
- adultos de mais de 20 anos (pre-vestibular)

A lógica da intervenção será baseada em cursos, oficinas e projetos específicos, desenvolvidos por educadores, professores e profissionais especializados em diversas áreas de atuação e conhecimentos afins.

³ Agrupamento de favelas numa mesma região geográfica, os chamados morros.

Os beneficiários diretos são os 170 crianças, adolescentes, jovens e adultos que participam às atividades do projeto.

Os beneficiários indiretos são as famílias dos beneficiários diretos assim como toda a população da comunidade do Morro São Carlos.

Todas as atividades desenvolvidas dentro dos programas e projetos do CACEF visam potencializar o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que têm por base os quatro pilares da educação propostos pela UNESCO: o seja: “aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer”

Resultado N° 3

1. Enunciado

Pré-Vestibular organizado

2. Comentários

No contexto educacional brasileiro, é notória a dificuldade de acesso para os alunos de baixa renda nas universidades públicas. Sendo assim, é de fundamental importância a oportunidade de oferta de um curso preparatório com fim de minimizar estas necessidades de atendimento, objetivando desta forma a concretização de uma real inclusão dos beneficiários com os quais trabalhamos. Cabe ressaltar, as razões que justificam a necessidade do pré-vestibular : a baixa qualidade do ensino público, a falta de consciência e informação que é produzida pelo sistema e atua no sentido de eliminar a possibilidade dos pobres terem acesso ao conhecimento acadêmico e o baixo índice de pobres e afrodescentes nos cursos superiores em detrimento das classes mais favorecidas. Para se ter uma idéia, uma pesquisa da Data Folha 95 (jornal), divulgou que a população negra do Brasil é de 59% do total da população e somente 5% dos universitários são afrodescendentes. Estes não compõem exclusivamente nossos beneficiários, mas, sem dúvida, representam parte significativa deles.

3. Indicadores objetivamente verificáveis

Os indicadores objetivamente verificáveis são :

- 1 gerente acadêmico (isto será uma Faculdade então)

- 1 assistente geral (isto será uma Faculdade então)
 - 1 faxineira (tem que ser a mesma do Apoio pedagógico. Eu creio que os beneficiários deste grupo de estudos, como de todos os grupos de beneficiários, têm também que respeitar os locais de trabalho para que sejam limpos)
-
- Alcançar o número de 20 alunos preparando-se para cursarem a universidade ;
 - Alcançar o número de 20 alunos acompanhando as aulas do grupo de estudos para fins de complementação escolar ;
 - Um total de 75% de assiduidade entre os alunos num todo deste projeto, conforme as leis educacionais brasileiras ;
 - Participação dos 40 alunos num processo de integração com a comunidade por meio dos projetos do CACEF como um todo (exposições de trabalhos das diversas disciplinas, criação de um informativo cultural, entre outros).

4. Fontes de verificação

- As fontes de verificação destes indicadores são :
- Registro dos alunos em banco de dados com informações completas ;
- Exigência de presença como um todo do projeto (mínimo de 75%) ;
- Questionário semestral avaliativo e informativo respondido pelos alunos sobre o desempenho do projeto ao longo do ano ;
- Relato dos alunos acerca de seu desempenho no vestibular (com especificação de cada matéria) ;
- Reuniões entre instrutores, gerente acadêmico e coordenação com fins de avaliação do andamento do curso;
- Reuniões entre instrutores, gerente acadêmico e alunos;
- Encontros entre coordenação e gerente acadêmico;
- Registro da experiência de realização de atividades como simulados, saída para visitas a exposições (das diferentes áreas), palestras com profissionais de diferentes

áreas e promoção de eventos que favoreçam a sociabilidade e a troca de conhecimento;

- Produção de relatórios semestrais e anuais por instrutores e gerente acadêmico.

5. Condições críticas

Condições críticas

- participação e o compromisso dos jovens e adultos ;
- apoio de empresas privadas e organizações não governamentais ;
- pequeno espaço físico alugado ;
- profissionais habilitados para o exercício de suas funções.
- tráfico de drogas e armas (guerra entre facções) ;
- apoio de instituições locais como a igreja católica, associações de moradores ;
- insuficiência de profissionais capacitados ;
- condições de infra-estrutura para melhor qualidade do trabalho ;
- incidência de alternância dos prestadores de serviço devido a fatores socioeconômicos ;
- evasão dos alunos em razão da desagregação familiar, de fatores de saúde e trabalho ;
- presença de uma assistente geral que abra e feche o pré-vestibular diariamente, atenda os telefonemas e anote os recados, faça as fichas cadastrais dos alunos que trabalham durante o dia, que seja o elo de ligação entre instrutores e alunos (recados) e zele pelo material do curso. Essa prestadora de serviço trabalharia durante o horário específico do curso, à noite ;
- utilização de um serviço relacionado à manutenção e limpeza do espaço no qual o curso funciona (sala de aula, banheiro, carteiras, quadro, dentre outros) ;
- necessidade de um espaço físico mais apropriado para o trabalho com duas turmas distintas que funcionarão num mesmo horário ;
- contratação de novos instrutores ou aumento de carga horária dos instrutores para o atendimento da demanda do trabalho com duas turmas distintas num mesmo horário ;
- importância de uma pessoa que realize o trabalho de **Gerente Acadêmico**, já que dispomos em nosso quadro de instrutores sem formação universitária completa (a maioria se encontra nos últimos períodos da graduação) e, conseqüentemente, auxiliar na elaboração de planejamento de curso anuais, planos de aulas, relatórios, entre outros ;
- necessidade de convênio com universidades.

ANEXO C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Registros da trajetória de Formação na Pedagogia UNIRIO



Foto 06 – agosto de 2009 - UNIRIO

Meu primeiro dia como aluna de Pedagogia da UNIRIO.

‘Um sonho começando a tornar-se uma realidade’



Foto 07 – agosto de 2009 - UNIRIO

Dia de trote...



Foto 08 – Agosto de 2009 - UNIRIO

Izabele, Tiago e Rafaela, ex-alunos do Pré-Vestibular CACEF.

Nossa realização, aprovados para uma Universidade Pública.

Quem disse que não éramos capazes?



Foto 09 – Agosto de 2009 - UNIRIO
Dia do trote, Turma de Pedagogia 2009.2.



Foto 10 - Janeiro de 2014
Turma de Pedagogia 2014.1
Registrando uma de nossas futuras conquistas.